

ZL G.
18434 11)

Santos, Luis dos (ajudante de Obras Antropológicas
de Recanbique)
Aportamentos sobre a etnografia dos
"Nhinquês" Cerimônias Genéticas
Sep. de Anais, Estudos de Antropologia
Junta de Investigações Coloniais.
Lisboa, 1949

Sem outra pretensão que não seja a de dar modesta contribuição para o estudo da etnografia dos indígenas de Moçambique, vou transcrever alguns apontamentos que, numa permanência de 10 anos em Tete, reuni sobre indígenas da região pertencentes ao grupo etnológico dos «Nhúngüès» (1).

É com os batuques que os indígenas de toda a Africa exteriorizam as suas alegrias ou tristezas, com eles homenageiam as autoridades, curam os seus doentes, manifestam o seu sentir no culto dos mortos, anunciam a chegada dos grandes feiticeiros, etc.

Cada batuque tem a sua música própria e qualquer indígena, ouvindo-a, sabe logo de que batuque se trata.

Conheci em Tete quatro espécies de batuques, a saber: do *Malombo* ou *Marombo*, de *Nhanga*, de *Cheoere* e de *Macangando*.

Vejam os que consiste essencialmente cada um deles.

BATUQUE DO «MALOMBO» OU «MAROMBO»

Está profundamente arraigado na mentalidade dos indígenas de muitas regiões da Africa, como o está ainda em muitas camadas do povo da metrópole, que os espíritos dos

(1) Os «Nhúngüès» constituem uma tribo do distrito de Tete, ocupando uma larga área em redor da vila de Tete, nas duas margens do Zambeze, e algumas zonas menores na área da circunscrição da Mutarara, posto de Ancuaze, em algumas ilhas do Zambeze, a jusante da Lupata, e nalguns pontos da margem esquerda deste rio, na zona correspondente àquela que limita a sul o mencionado posto.

Esta tribo foi observada pelo chefe da Missão Antropológica de Moçambique, Prof. Santos Júnior, em 1936 e 1937, e dela está publicado um estudo circunscrito que ocupa nada menos de 100 págs. do seguinte volume: Santos Júnior, *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique — Algumas tribos do distrito de Tete*, publ. da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, Ministério das Colónias — Porto, 1944 — 416 págs., 204 figs., XII tab.

mortos, quando os familiares descendentes se esquecem de fazer oferendas em benefício das suas almas, voltam novamente a este Mundo para encarnar nesses descendentes, escolhendo de preferência as mulheres.

Segundo as várias informações que recolhi, os sintomas dos atacados pelos espíritos consistem em contínuas crises nervosas com perda dos sentidos, ficando inconscientes.

Em Tete, quando tal acontece, diz-se que o atingido tem *malombo* ou *marombo* (1). As famílias vão, acto contínuo, procurar o *nhabézi* ou *inhabeze* — médico indígena da povoação — o qual prescreve, para a cura ou saída do espírito, a realização de um batuque do *Malombo*, que é feito com o seguinte cerimonial.

A família da doente trata logo de fabricar a bebida necessária para a cerimónia, o *pombe* (bebida cafreal que eles obtêm por meio da fermentação do milho ou mapira), e de preparar a farinha bastante para dar de comer aos assistentes e ainda um cabrito, *búzi*, que tem de ser sacrificado em momento oportuno e cujo sangue desempenha papel importante no ritual do batuque.

Vai também à autoridade administrativa da área solicitar a respectiva licença, que é sempre concedida, e convida os batuqueiros para tocarem os tambores, *n'goma*, e algumas mulheres para assistirem, dançarem e cantarem.

Se as pessoas de família da doente têm meios, convidam o *inhabeze* a vir à aldeia dela fazer a cerimónia, pagando-lhe o incómodo, mas se o não têm esta é feita na palhota ou cercado do mesmo *inhabeze*.

O ritual da cerimónia é o seguinte:

No meio de uma palhota, dentro do cercado (espécie de quinteiro à roda da palhota) ou algures, debaixo duma árvore, é estendida no chão uma esteira onde a doente se deita,

(1) Por vezes é difícil distinguir em certas palavras indígenas o *l* do *r*. Em alguns casos a pronúncia afigura-se um misto destas duas letras e daí uns tomarem-na por *l* e outros por *r*. Noutros casos averigua-se com segurança que uns indígenas pronunciam *l* e outros *r*. Nas muitas discussões que tivemos sobre este e outros assuntos de linguística, ouvimos repetidas vezes ao Sr. Chefé da Missão Antropológica de Moçambique realçar a necessidade da criação duma brigada de estudos linguísticos com os indispensáveis aparelhos de registo fonético.

ou senta, envolta num pano e completamente coberta com outro. A doente põe ao pescoço um colar a que chamam *nhanga uá marombo* (1).

A sua volta, formando círculo, colocam-se os batuqueiros com os respectivos tambores, *n'goma*, e as mulheres convidadas. O cabrito, *búzi*, é também colocado próximo, amarrado a qualquer coisa.

Quando o *inhabeze* dá o sinal, começa o batuque, que tem a sua música própria. As mulheres batem as palmas e cantam em música bastante monótona. Uma ou outra, com a língua, que enrola entre os lábios, dá uns gritinhos estridentes a que chamam *m'tongulo*. Alternadamente, ou, melhor, uma de cada vez, as mulheres dançam em volta da doente, saracoteando-se e batendo as palmas.

A duração destes batuques regula por 48 horas, devendo o espírito, que se chama *matumonho*, sair neste lapso de tempo. Se durante estes dois dias ele não saiu, o batuque termina e a família vai procurar outro *inhabeze* de maior categoria, que manda fazer igual cerimónia. Se o mesmo ainda se negar a sair, vão sempre mudando de *inhabeze*, acabando o *matumonho* por desaparecer.

Quando se dá o milagre da saída do *matumonho*, a doente apresenta como primeiro sintoma grandes convulsões. Passadas estas, levanta-se, anunciando com gritos a saída daquele. Dirigindo-se à palhota próxima, tira todos os panos que tinha enrolados ao corpo, os quais, por estarem contagiados do *matumonho*, não podem mais ser vestidos, e recebe outros novos, que lhe são entregues pela mãe ou qualquer outro familiar.

O *inhabeze*, que está presente, coloca-lhe nos artelhos pulseiras com cascavéis, *m'suau*, entregando-lhe ao mesmo tempo a *guângua*, espécie de machado que só os *inhabezes* podem usar, e ela vem com ele na mão dançar o batuque, ao mesmo

(1) O *nhanga uá marombo* é constituído por um fio, do qual pende um par de corninhos de gazela. *Nhanga* é o nome com que designam uma gazela cujos chifres têm especial virtude feiticeira. O Prof. Santos Júnior, chefe da Missão Antropológica de Moçambique, faz referência a estes colares na pág. 45 do seu trabalho *Missão Antropológica de Moçambique — 2.ª campanha (Agosto de 1937 a Janeiro de 1938)*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1940, 91 págs. o XCV est. com 98 figs.

tempo que todos os assistentes exteriorizam o seu contentamento com enorme alarido.

Nesta altura **um dos batuqueiros** vai buscar o cabrito e mata-o, aparando o sangue num prato de pau, o qual entrega à doente, que dele bebe em primeiro lugar, dando em seguida a beber também a todos os assistentes.

Segundo me disse o informador, a razão de eles beberem o sangue cru é para que o *matumonho* fique contente, visto que ele no mato, por onde anda, não come nada cozido.

A doente, depois de lhe sair o *matumonho*, recupera a noção das coisas, que até ali tinha perdido, e faz perguntas às pessoas de família, como se acabasse de regressar de uma longa viagem. Por sua vez a família também lhe dirige algumas perguntas, tais como:

— É você que esteve a fazer doença nesta mulher? (¹).

O *marombo* responde pela boca da doente:

— Sim senhor. Gostava desta mulher para eu ficar no corpo dela.

A mesma ou outra pessoa de família pergunta:

— O que é que você quer?

Ao que a doente responderá:

— *Ninfunu nhombe iango.*

— *Ninfunu tauaré palacussamba manja.*

— *Ninfunu cutamba angôna.*

Vejamos qual a significação destas frases.

Na primeira: *ninfunu*, quer; *nhombe*, carneiro; *iangou*, meu. Do carneiro porém não comerá a carne, só beberá o sangue. O carneiro é substituído muitas vezes por um cabrito, *búzi*.

Na segunda frase, *tauaré* significa poço de água; *palacussamba*, para lavar; *manja*, mãos. Diz o Prof. Santos Júnior terem-no informado de que não há no ritual do *Marombo* qualquer acto em que a doente tenha de lavar as mãos, e acrescenta: é que, na frase, aquele *tauaré* (poço de água) está na vez de *pombe*. O pedido desta bebida de milho fer-

(¹) As frases de que se dá a tradução são ditas em língua «chinhúngüê». Esta parte, respeitante às perguntas feitas à doente e sua explicação, é transcrita das págs. 50 e 51 do trabalho já citado, que o prof. Santos Júnior escreveu sobre a 2.ª campanha da Missão, e foi publicado pela Agência Geral das Colónias.

mentado, espécie de cerveja cafreal, de que os Pretos tanto gostam, tem de ser feito em sentido figurado.

Na última frase, *cutamba* significa dançar e *angôna* batuque. É curioso que o termo *cutamba* é só empregado neste caso. Em qualquer outro caso, quem quer que exprima o desejo de dançar dirá: *ninfuna cusina angôna*.

Segue-se depois o batuque, em que a doente dança, bem como todos os presentes. É necessário porém que as mulheres tragam o colar *nhanga uá marombo* e os homens uns machadinhos especialmente destinados a esta dança.

Nos ânos seguintes, as pessoas da família daquela que tinha o *matumônho* repetem a cerimónia, espargindo pequenas quantidades de *pombe* e de farinha no chão da palhota, e fazem comida e bebida que dão às pessoas presentes, na intenção de contentar o espírito. Nestas cerimónias ulteriores não há sacrifício de cabritos ou qualquer outro animal.

O autor teve ocasião de apreciar alguns batuques de *Malombo*, sem, contudo, chegar a ver o fim da cerimónia.

Dum modo geral, os Pretos procuram realizar um grande número das suas práticas rituais ou religiosas o mais possível fora das vistas dos Brancos, e em certos casos nelas tomam parte só alguns pretos, em regra pessoas de família.

BATUQUE DE «NHANGA»

É costume entre os «Nhúngüès» de Tete, quando lhes morre qualquer pessoa de família, depois de terem enterrado o morto, e durante o tempo do luto — dois a três meses — destinar uma noite em cada semana para homenagearem a alma do finado com um batuque a que dão o nome de *Nhanga*.

Este batuque é sempre feito por cinco batuqueiros que tocam os tambores, *n'gomas*, e alguns indígenas umas gaitas a que chamam *m'tete*. Dão-lhe este nome por serem feitas de caniço, ao qual em língua «chinhúngüè» se chama *mitete* ou *m'tete*. Os tocadores das gaitas têm nos artelhos uma espécie de pulseiras com cascavéis ou pequenas latas, a que chamam *m'suau*.

A cerimónia tem o seguinte ritual:

As mulheres familiares do falecido colocam-se dentro da palhota onde este faleceu, fazendo de carpideiras, chorando

ao mesmo tempo ou alternadamente. A isto chama-se «estar a sentir». Ao mesmo tempo os batuqueiros tocam nos tambores a música própria e os indígenas das *m'tete* e *m'suau* vão dando voltas no terreiro do batuque tocando as gaitas e, com certo ritmo nos passos, acompanham o toque dos tambores fazendo com as pulseiras dos artelhos uma guizalhada a compasso, que não deixa de ser interessante.

Como sempre, come-se e bebe-se.

BATUQUE DE «CHEOERE»

Este batuque, que serve também para homenagear os mortos, difere do *Nhanga* por dele não fazerem parte os indígenas que tocam os *m'tete* e *m'suau*, e só poderem participar no mesmo três batuqueiros de *n'goma*.

Os familiares dão simplesmente como paga aos batuqueiros e tocadores destes dois batuques alguns púcaros de *pombe*.

BATUQUE DE «MACANGANDO»

Quando o «homem-leão», *m'pandôro*, chega a uma povoação toca-se este batuque, que tem música própria. Os indígenas, ao ouvirem-no, reúnem-se todos, em companhia dos respectivos *inhacuáua* (régulo) e seus *indunas* (¹).

Depois de estarem todos reunidos, o *m'pandôro* aparece, sempre acompanhado de garotas, e começa a dizer-lhes o que se passa nas outras terras que os presentes não conhecem,

(¹) *Induna*, designação de autoridade indígena, em regra chefe de povoação, é usado sobretudo na província do Sul do Save. Sobre a origem desta palavra, Bauman e Westermann, a pág. 126 do seu livro *Les peuples et les civilisations de l'Afrique suivi de les langues et l'éducation*, tradução francesa por L. Homberger, Paris, 1948, dizem que Tchaka, o célebre chefe militar zulo conhecido pelo nome de «O Napoleão Africano», nascido em 1787, lançou em 1808 as bases da sua organização guerreira, militarizando o seu povo, para o que «il transforma les clans en régiments avec des chefs de guerre, les *induna*».

Este mesmo Tchaka organizou um serviço militar para as mulheres e não permitiu que os homens se casassem senão depois dos 30 anos e antes dos 40. Foi um revolucionário e um reformador.

informando-os se nas mesmas há fome ou fartura e do procedimento dos brancos e indígenas de lá.

Seguidamente denuncia as pessoas da povoação que têm praticado furtos nas propriedades vizinhas, obrigando os gatu-nos a pagarem aos donos. Causa admiração aos presentes ele saber de tudo o que se passou e o *inhacuáua* concorda sempre com o que ele diz, chamando-lhe *mambo* (1).

Anuncia-lhes também a fartura ou fome do ano agrícola seguinte, pedindo-lhes ao mesmo tempo que dêem oferendas aos *muzimos*, em troca do que ele mandará vir chuva para terem um ano farto. As oferendas constam de dinheiro, cabritos, porcos, galinhas, farinha ou qualquer coisa de comer.

Depois de todos terem ido buscar as suas oferendas, vão, acompanhados do «homem-leão», até ao *muzimo* (2) da povoação. Os batuqueiros seguem na frente a tocar os *n'goma*.

Chegados ali, colocam as oferendas no chão e regressam todos à povoação com o mesmo cerimonial. O «homem-leão»,

(1) *Mambo* significa homem grande, superior a todos.

Para que possa fazer-se uma ideia da extraordinária influência exercida por estes indivíduos no espírito crédulo dos Pretos, transcrevo uma passagem do trabalho *Etnografia sobre os Macuas*, apresentado em concurso pelo distinto administrador Abel dos Santos Baptista, no qual, a pág. 34 (original dactilografado) do capítulo sobre feitiçaria, se lê: «Cabe aqui contar em breves linhas que certa ocasião, em que eu era encarregado da Administração do Concelho de Nampula, descobri o estranho caso de uma mulher que confessava ter roubado a si mesma um cabrito porque o *muave* assim falava. Perguntada se se lembrava de ter comido o cabrito, respondia que não, mas que devia tê-lo feito a dormir, porque o adivinho dissera que o autor do roubo, de que ele se queixava, era ela própria».

Bem singular é esta crença na infalibilidade das adivinhações de toda uma série de curandeiros, feitiçeiros ou adivinhos, tais como *nhabézi* ou *inhabézes*, *n'gansas*, *m'pandôros*, *m'fezes*, *macangandos*, ou *m'vulas*, etc., que, influenciando profundamente a alma infantil dos Negros, os leva tantas vezes à prática de crimes realizados com estranha insensibilidade ou impressionantes requintes de barbárie.

(2) *Muzimo* é palavra que significa espírito ou alma. Por generalização, chamam também *muzimo* ao local sagrado, em regra na base dum rochedo ou junto dum árvore, onde vão evocar as almas dos seus mortos em ritos que são, quase sempre, de finalidade propiciatória.

Sobre este interessante capítulo da animologia dos indígenas de Moçambique, o Prof. Doutor Santos Júnior apresentou o seguinte trabalho ao Congresso Colonial: *Alguns «muzimos» da Zambésia e o culto dos mortos*, Congresso do Mundo Português, vol. XIV, IX Congr., Congresso Colonial, Lisboa, 1940, págs. 359 a 377, 10 figs.

m'pandôro, vai depois ao *muzimo* buscar as oferendas, com a certeza absoluta de que elas ainda ali se encontram, pois sabe muito bem que durante aqueles dias nenhum indígena é capaz sequer de se aproximar do local sem a sua companhia.

Sobre esta espécie de *inhabezes* ou feiticeiros podemos contar factos passados directamente connosco quando da nossa estadia em Tete.

Está de tal forma arreigado entre os «Nhúngüès» de Tete o poder sobre-humano do indivíduo conhecido por *m'pandôro* («homem-leão», isto é, homem que tem alma de leão) ou *macangando* ou *m'vula* (homem que tem alma de jibóia, homem que faz vir a chuva) ou ainda *mambo* (homem grande que manda em todos) que, quando eles aparecem nas povoações, dão-lhes tudo quanto eles quiserem, incluindo até as filhas para desflorar (1). A mentalidade atrasada destas gentes afigura-se que nada lhes pode ser negado para que eles fiquem satisfeitos, pois crêem que eles tudo podem, por falarem com *Molungo*, Deus.

O seu aparecimento nas povoações costuma ser entre os meses de Setembro a Novembro, ocasião propícia para exercerem a sua nefasta profissão, por ser a altura em que os indígenas andam na labuta das *colimas* (cavas da terra das *machambas* para as sementeiras do ano agrícola seguinte) e mais desejam a chuva.

Atribuem-lhes um poder de tal ordem que ninguém é capaz de os denunciar às autoridades. Nessa ocasião tinha em Tete sob o meu comando 25 guardas auxiliares indígenas;

(1) O Sr. Tenente-Coronel Pedro Augusto de Sousa e Silva, que foi governador do distrito de Tete, de 1924 a 1926, no seu livro *Distrito de Tete (Alta Zambézia) — Característicos, História, Fomento*, Lisboa, 1927, 188 págs., múltiplas figs. e 2 mapas, fala dos *m'vuras* e *pandôros* a pág. 86, escrevendo:

«Para consultar o *m'vura* que tem alma de jibóia, ou o que tem alma de leão (*pandôro*) levam-se cinco ou seis botes de tabaco para o pagamento respectivo. O *pandôro* chama o irmão do consultante e começa numa grande conversa a dizer: Este é o tabaco que seu irmão trouxe e pediu para o transformar em *pandôro*, e agora você veja lá se quer que lhe dê o remédio ou não. O irmão diz que sim, e o *pandôro* dá o remédio e o consultante tem de lá ir todos os anos buscar novo remédio. Este é, muitas vezes, ratzes e umas coisas cosidas num pano, que ele engole. Nos primeiros tempos não comem; vão para o mato e depois é que se retemperam a pouco e pouco. Ao princípio vomitam o que comem. Fazem uma dança a que chamam *macangando* e ficam aptos então para fazerem outros *pandôros*».

pois bem, só de dois obtinha informações sobre a chegada dos intrusos; os restantes não eram capazes de as dar. As próprias autoridades indígenas (1) *inhacuáuas* (régulos), *fumos*, etc., têm por eles o máximo respeito e nunca os denunciam às autoridades administrativas europeias. Não admira que tal aconteça naquelas mentalidades, pois supõem que aqueles homens tudo sabem e tudo adivinham, indicam a data certa da chuva, sabendo designar aqueles que furtaram durante o ano. Se quiserem transformam-se em *m'pandôros*, ou seja em «homens-leões». Assim transformados, matam as pessoas e os seus gados, se se quiserem vingar; ou afugentam para longe da povoação os verdadeiros leões da selva, se quiserem prestar serviços à aldeia perseguida e raziada pelos leões.

Devo aqui descrever um dos muitos episódios passados comigo em Tete com estes feiticeiros, cujos malefícios procurei impedir dentro das minhas atribuições de chefe da Polícia local.

Certo dia um dos cabos auxiliares indígenas meus subordinados, o Caetano de Abreu, informou-me de que estavam quatro *m'pandôros* no bairro indígena de Tete fazendo as suas colheitas. Acompanhado do referido cabo, fui imediatamente à povoação prendê-los. Antes da prisão perguntei-lhes se eles eram de facto leões e todos me responderam resolutamente que sim.

Conduzidos ao Commissariado, quando ali chegámos estava a descarregar um caminhão com sacos de mapira que tinham o peso de 100 quilos cada um.

Mandei parar a descarga, que estava sendo feita pelos reclusos, e perguntei novamente aos recém-chegados se confirmavam serem leões.

Responderam afirmativamente e com ar de certa arrogância.

(1) As designações das diferentes autoridades indígenas variam com as regiões e, como é natural, com a língua.

Em Tete a autoridade maior, o régulo, é o *inhacudua*. No citado livro do Sr. Tenente-Coronel Pedro Augusto de Sousa e Silva, lê-se a pág. 86: «Os Régulos têm junto a si o *Muana-Mambo* ou 1.º conselheiro; o *Badzo*, o *M'kata*, dois *Sachikunda*; a seguir há os *Fumos* e os *Case-Fumos*. Antigamente o nome de *Inhacudua* era só dado ao Régulo. Hoje a qualquer chefe de palhotas se dá este nome».

Disse-lhes então que, se o eram, deviam ter muita força. Responderam que sim, que tinham a força dos leões.

Em face de tal resposta, ordenei-lhes que descarregassem os sacos do caminhão. Os homens eram já de certa idade e verifiquei que não tinham forças para isso. Os quatro agarraram-se a um saco para o conduzir. Intervindo, disse-lhes que não era isso que eu queria: cada um deles teria de levar o seu saco.

Eles tentaram cumprir a ordem, mas todos caíram no chão com o saco por não poderem com ele. Declarei-lhes peremptoriamente que o tinham de transportar, mas eles, coitados, apesar de várias tentativas feitas, mal conseguiram mover o saco do chão. Disse-lhes então:

— Afinal vocês não têm tanta força como dizem, e por isso não são leões como falsamente se apregoam.

Responderam-me, na presença de uns 20 reclusos, «que de facto não eram leões e diziam sê-lo para explorar os outros indígenas». Esta confissão deu lugar a grande troça por parte dos indígenas assistentes, e foi com uma grande assuada que eles foram recebidos pelos seus companheiros de prisão.

Naquele ano as chuvas vieram muito atrasadas, pois já estávamos quase no fim de Novembro sem ter chovido. Comecei a notar nos presos indígenas e nos meus próprios criados um certo ar de preocupação e de tristeza.

Intrigado com isso, um dia, ao jantar, perguntei ao criado que estava a servir-me a razão por que ele e os presos andavam tristes. Respondeu-me com estas palavras:

«Sim patrão, os presos não andam contentes por causa de o patrão ter os leões aqui presos no *Macantondo* (Comissariado) porque vamos passar este ano muita fome. Os leões dizem que não choverá enquanto eles aqui estiverem presos».

Ainda naquela mesma noite mandei chamar o cabo Caetano e pedi-lhe que averiguasse discretamente se era verdade os presos «leões» terem metido aquela patranha na cabeça dos outros indígenas.

Passado pouco tempo veio o referido cabo confirmar o facto.

Porque o caso em si era grave e podia trazer-me alguns dissabores, procurei ter uma intervenção rápida e enérgica no assunto e fui ao calabouço onde estavam os quatro «homens-leões».

Perante a minha atitude de quem não recuaria na aplicação de castigos severos, notei na fisionomia dos outros presos, e mesmo na dos guardas auxiliares indígenas, sinais evidentes de medo, concluindo logo que não ficaram satisfeitos com o meu procedimento de ter prendido os quatro *m'pandôros*. Este facto não me admirou, pois mesmo já contava com ele. Tive, por isso, de fazer uma prelecção a todos, procurando mostrar-lhes que estavam enganados e que os «homens-leões» não passavam de uns intrujões e seus exploradores.

Aconteceu que no dia seguinte, por sorte, começou a chover copiosamente em Tete. Aproveitei esta circunstância para trocar dos «homens-leões» e dizer aos indígenas que afinal a chuva tinha vindo por eu ser enérgico com os *m'pandôros*, ameaçando-os de castigo severo, e que, se ela faltasse no futuro, já sabia o que tinha a fazer para ela vir. É claro que isto não passava dum gracejo.

A propósito recordo-me bem de que aquele ano agrícola foi um dos melhores que vi em Tete, devido à regularidade das chuvas.

Devo aqui também relatar qual a pena que as nossas autoridades administrativas aplicam a estes feiticeiros. Organizam contra eles um processo administrativo, findo o qual os condenam de um a três anos de desterro para qualquer outra parte da província.

Tão leve pena dá em resultado que eles nunca sejam exterminados ou abandonem tão nefasta profissão, antes, pelo contrário, a propagam, iniciando na arte novos *m'pandôros*.

*
* *

Os «homens-leões» têm, como é bem sabido, uma grande difusão pelas terras africanas.

Em Moçambique encontrámos na 5.^a Campanha (1948), presos em Pebane, alguns indígenas acusados de pertencerem a uma seita de «homens-leões», que se entregavam à prática da antropofagia, e na circunscrição de Marromeu (Lacerdómia) foi descoberta pelo chefe de posto Joaquim Alves Delgado uma outra seita de antropófagos, mas esta de «homens-leopardos». A seita chamar-se-ia *amanganga*, aos sócios todos

mancumbassa e a cada um *cumbassa*. O local das reuniões e festim macabro era designado *tchalo*.

Nos respectivos processos estes antropófagos eram incriminados de assassinio de algumas dezenas de indígenas, comendo-os em seguida. Surgiram então no meu espírito dúvidas sobre se os feiticeiros *m'pandôros* que eu tinha prendido em Tete não exerceriam também a antropofagia sem que eu o tivesse averiguado.

Como possuo na minha repartição em Lourenço Marques um servente indígena «nhúngüè» de Tete, procurei por seu intermédio obter informes a esse respeito. Mas ele, confirmando tudo o que escrevi sobre estes feiticeiros, afirmou-me no entanto que os de Tete não matam gente nem são antropófagos. Será assim?

Este mesmo informador, que se chama Juga Tanasse ou José, disse-me que na Alta Zambézia existe uma outra espécie de feiticeiros a que eles chamam *m'feze*, que matam gente para levarem as cabeças e às vezes alguns ossos que trazem consigo, mas que não comem a carne das suas vítimas.

Esta espécie de feiticeiros, segundo o mesmo informador, «têm um enorme poder na vista e os seus olhos têm uma grande intensidade de luz, muito parecida com a das lanternas eléctricas», de modo que fixando qualquer pessoa e fazendo gestos com as mãos a deixam absolutamente inanimada. Nós di-los-íamos hipnotizadores.

Estes mesmos feiticeiros não trabalham. Vivem do que, por artes malabares, conseguem que os Pretos lhes ofereçam e todos os indígenas, quando os encontram, fogem deles, com medo de serem agarrados e mortos.

No Sul da colónia também há «homens-leões». Deles fala Henrique Junod no seu belo livro *Usos e costumes dos Bantos — A vida duma tribo sul-africana* (1). Ao descrever os ritos da circuncisão, entre os Tongas do distrito de Lourenço Marques, diz, a pág. 85, que os rapazes, quando vão ser circuncidados, «passam aos grupos de 8 por entre duas fileiras de adultos, com varas na mão, que lhes batem de rijo (a flage-

(1) Henrique A. Junod, *Usos e costumes dos Bantos — A vida duma tribo sul-africana*, 2 vol. (t. I, *Vida Social*, 556 págs.; t. II, *Vida Mental*, 634 págs.) — Imprensa Nacional de Moçambique — Lourenço Marques, 1944, 1946.

lação é muitas vezes um rito de separação). No extremo da passagem são agarrados, é-lhes despido todo o vestuário, cortado o cabelo e conduzem-nos junto de 8 pedras onde os obrigam a sentarem-se. Em frente destas pedras há outras 8 em que estão sentados 8 homens. São os *nhambê*, os «homens-leões». Têm uma aparência fantástica, as cabeças cobertas com jubaš de leões.

*
*
*

As cerimónias gentílicas do género das que descrevemos e que são vulgarmente designadas por batuques são, quer festivas, quer de finalidade curativa, como o *Marombo*, quer de culto aos manes, como o *Nhanga* e *Cheoere*, quer ainda de natureza mítica, com finalidade propiciatória, como o *Macangando* dedicado aos *m'pandôros*, e talvez também aos *m'vulas*.

Nesta última categoria entra a enorme série de danças rituais com atributos e feições de várias naturezas, das quais as da puberdade são, sem dúvida, as mais opulentas com os seus ritos de separação, de margem, de passagem e de purificação, ricas de simbolismo, de ruído atroador de tambores e, por vezes, de aspectos musicais interessantes.

Os batuques de guerra constituem um outro singular aspecto das cerimónias gentílicas de que nos ocupamos nesta despretensiosa nótula.

Junod (1), o erudito missionário suíço citado, descreveu duas danças de guerra dos Tongas do distrito de Lourenço Marques, a *Guba* e a *Guila* ou *Guia*, dizendo ser esta «a verdadeira dança de guerra», com «simulacro de actos de valentia praticados pelos soldados que mataram inimigos nos campos de batalha». E a seguir: «A massa coral do *Guba* é muito imponente, mas a *Guila* produz uma mais profunda impressão de selvajaria».

Umás e outras destas danças estão mais ou menos ligadas a coisas de feitiçaria e enredadas pelas apertadas malhas de tabos por vezes bem singulares.

A alma dos Negros, que a muitos se afigura simples e acentuadamente infantil, é, no entanto, complexa e procura nos

(1) Henrique A. Junod, *op. cit.*, vol. I, pág. 469.

movimentos rítmicos e suaves, ou nos saltos violentos e esforçados de muitas danças, ao som dos seus tambores de diferentes tipos e tamanhos, conseguir alívio para os sofrimentos, benesses que adoçam as durezas da vida, couraça para os malefícios tremendos duma interminável série de feitiços, coragem e ardor para a luta com as feras e para as guerras com os outros homens e, em muitos casos, simples apaziguamento espiritual.

Estas manifestações, umas vezes cheias de grandiosidade e exuberância, outras de recolhimento e singular ternura, assumem no culto prestado à memória dos seus mortos, como o Prof. Santos Júnior escreveu a pág. 377 do citado trabalho *Alguns «muzimos» da Zambézia e o culto dos mortos*, «uma necessidade espiritual premente e ansiosa, em face do impenetrável mistério do Além, que impressiona não só o espírito simples dos selvagens e dos homens rudes e ignorantes, mas também o espírito vigoroso dos homens cultos do mundo civilizado».



